

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
BORIS LEHMAN - REALIZADOR CONVIDADO  
21 de dezembro de 2023

## HISTOIRE DE MES CHEVEUX (de la brièveté de la vie) / 2003-2010

um filme de Boris Lehman

Realização e argumento: Boris Lehman, a partir de *De la brièveté de la vie* de Séneca) e com citações dos filmes *Bronenosets Potemkin* (1925, Sergei Eisenstein) e *Michel Strogoff* (1956, Carmine Gallone) / Direção de fotografia: Antoine-Marie Meert / Som: Jacques Dapoz / Assistência: Juliette Achard, Alexandre Cherbakov, Marie Verwacht / Montagem: Ariane Mellet / Misturas: Simon Apostolou / Narração: Boris Lehman, Alexandre von Sivers / Com: Yvan David, Coiffeur Nicolas, Adrienne Boulvin-Fonck, Louise Beckers, Dr Jean Devroye, Igor Pototsky, Ludmilla Samodayeva, Alexander de Lviv, Olgiev Kuryllo, Nadjeida Loumpova, Marie Duez, Kenneth Anger, Nadine Wandel.

Produção: Dovfilm (Boris Lehman) / Coprodução: RTBF Secteur documentaires (Wilbur Leguebe, Annick Lernoud, Philippe Antoine, Arlette Claeys), ARTE G.E.I.E. (Anne Baumann, Carine Bratzlawsky, Anne-Marie Deroyer), C.B.A. (Kathleen de Béthune, Jacqueline Aubenas), Good And Bad News (Lubomir Gueorguiev), Studio Novi Course (Pavel Petchetkin), Cobra Film (Daniel De Valck) / Com o apoio de: Fresnoy, studio national des arts contemporains, Centre du cinéma et de l'audiovisuel de la communauté française de Belgique, Télédistributeurs Wallons (Télévision Betta) / Cópia: DCP [a partir de 16mm (Fuji)], cor, falado em francês, ucraniano, inglês e russo com legendas embutidas em inglês e legendada eletronicamente em português / Duração: 91 minutos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

*A sessão contará com a presença do realizador Boris Lehman.*

---

**Histoire de mes cheveux (de la brièveté de la vie)** entra no *magnum opus* cine-auto-biográfico de Boris Lehman como o quinto e penúltimo capítulo do “projeto de filme/vida” intitulado **Babel** – projeto esse iniciado em 1983 e encerrado em 2016 pelo sexto e último capítulo, **Funérailles (de l'art de mourir)**, totalizando mais de 20 horas de duração. Surge depois de **Lettre à mes amis restés en Belgique**, **Tentatives de se décrire**, **Histoire de ma vie racontée par mes photographies** e **Mes 7 lieux** – ainda que este último só tenha sido completado posteriormente a **Histoire de mes cheveux**. Numa lógica temporal, os quatro primeiros tomos deste filme monumental são dedicados às amizades, aos encontros, aos amores e dissabores, às casas e às saudades, ao passo que os dois últimos tomos (**Histoire de mes cheveux** e **Funérailles**) são já dedicados à velhice, à solidão, às memórias e à morte. São, por isso, filmes com uma dimensão testamentária.

**Histoire de mes cheveux** pensa a decadência física na relação com o desaparecimento dos vestígios das gerações mais antigas (a partir do apagamento do povo judeu) e **Funérailles** ensaia a própria morte do realizador (que é, naturalmente, o “fim” do seu cinema, enquanto objeto material em película, mas também enquanto legado). Deste modo, é bastante consentâneo com o projeto maior de **Babel** que Boris Lehman tenha decidido utilizar o cabelo (ou a sua falta) como ponto de partida para este que é o filme da “idade da reforma” (nem de propósito, terminou-o quando tinha 66 anos).

A brancura dos cabelos é o sinal que o corpo dá ao mundo de que o fim se aproxima. É um anúncio, algo que se projeta no futuro (ainda que esse futuro pareça curto). Inversamente, a calvície carrega um outro peso, desta feita, o peso da herança genética (a falta de cabelo, nos homens, quase sempre tem origem paterna, algo que vem de geração em geração, que carrega o peso da cultura e da etnia). Uma nuca semi-careca e esbranquiçada aponta, então, em direções opostas: para diante a fronte lúzida e para trás os cabelos que Boris não corta(va) há cerca de três décadas, para cá o dia de amanhã e para lá as primeiras décadas do século XX, na traseira a incerteza do que aí vem e na dianteira a certeza do que já passou. Mais uma vez, Boris Lehman operacionaliza o seu corpo e a sua imagem para, a partir deles (copo e imagem), produzir uma reflexão sobre o seu lugar no mundo e,

inversamente, sobre o mundo no seu lugar. Que reflexão é essa? Sendo o realizador de origens judaicas, essa reflexão prende-se com o Holocausto e, em particular, com os campos de concentração.

O realizador começa o seu filme com uma sequência que procura nas imagens da natureza (não na natureza ela mesma, mas na sua representação bucólica – veja-se o extraordinário plano em que a mão do realizador percorre um salgueiro sem nunca o tocar, como quem acaricia uma projeção, ou como tudo começa depois de um enorme plano do olho do realizador) uma ligação ao lugar. Esse desejo de encontrar um sítio que sinta como seu é, talvez, uma das mais antigas obsessões de Lehman [um dos seus primeiros filmes de forte pendor autobiográfica é, nem mais nem menos, **A la recherche du lieu de ma naissance** (1990), filme esse que estabelece com este vários pontos de contato]. Daí que, pouco depois dessa introdução, encontremos Boris Lehman deitado sobre as raízes de uma enorme árvore. Uma rapariguinha aproxima-se e pergunta-lhe “O que estás a fazer?”. Ele responde, “Estou à procura das minhas raízes”. Assim, sempre entregue às literalidades, Lehman confessa ao que vem e declara os motivos de **Histoire de mes cheveux**. Diante do impasse da velhice (o desenraizamento da cabeleira), Lehman atira-se para o passado (o enraizamento da identidade) e inicia uma viagem pelas suas origens familiares.

Mas antes disso, há um prefácio de tom sócio-científico que rompe com a concentração solipsista que a obra de Lehman costuma apresentar. Aliás, por uma vez – que não sendo única, é rara – a narração não é do realizador, mas do ator Alexandre von Sivers que, como explica Lehman, dá voz ao próprio protagonista do filme, os cabelos (outra literalidade). Este desvio, algo pedagógico, pela biomorfologia do pelo, pela sua constituição química, pelos procedimentos dos laboratórios de análises assim como pelos conselhos de técnicos especializados (barbeiros, cabeleireiros, dermatologistas) sublinha a dimensão concreta do cabelo enquanto entidade fisionómica.

Definido o objeto de estudo, Lehman pode então começar a traçar tangentes discretas. A primeira das quais, a relação entre o cabelo e a película de cinema: a mesma tendência para se emaranharem; a mesma suscetibilidade à passagem do tempo (tornam-se quebradiços e perdem a cor); a mesma necessidade de, com a passagem do tempo, ser necessário cortar, etc.. A segunda tangente, nunca enunciada, mas evidente, relaciona os cabelos com o enredado das linhas de comboio o que, na relação com Holocausto ganha uma outra dimensão, já que a tipificação do cabelo “judio” sempre foi uma forma estereotípica de propalar as perseguições nazis. Porém, estas duas tangentes formam um triângulo quando se recorda a, já muito batida, analogia entre o comboio (enquanto máquina e ecrã) e o cinema. Só mesmo no cinema de Boris Lehman seria possível partir dos lamentos em torno da queda de cabelo para daí construir um pensamento sobre a história, o cinema, a história no cinema e a história do cinema (recorde-se a ida a Odessa e as imagens d’**O Couraçado de Potemkine**).

**Histoire de mes cheveux** tem, ainda assim (ou mesmo por isso), uma dimensão “emaranhada”, que o próprio realizador não só nota como sublinha: ele procura sempre evitar a metáfora mas, ao tentar aproximar o que é distante e estabelecer relações de parentesco entre aquilo que não tem grande filiação, a sua mecânica narrativa encontra diversos impasses. E o cineasta da autorrepresentação ilustra-o a partir da própria iconografia do filme, feito *road movie* sem destino onde a divagação das ideias se espelha na errância do protagonista, o próprio Lehman.

Viajamos até Moscovo, passando pela Polónia e nesse caminho em direção a este, afundamo-nos no inverno (depois da abertura outonal onde se escuta a rima *été/éternité*). É, naturalmente, uma imagem da decadência (da natureza) que reenvia para o inverno da vida, de que o realizador se aproxima. Inverno esse que dá lugar a uma outra forma de extinção, a “solução final”. Da banalidade da calvície à banalidade do mal, Lehman vagueia por entre imagens de morte (recusando sempre as imagens da morte).